

THOMAS PAINE E O PANFLETO QUE REVOLUCIONOU A AMÉRICA

Duílio Battistoni Filho
(Professor do IAC/PUCAMP)

Uma das figuras mais polêmicas e controvertidas da literatura política no século XVIII é a de Thomas Paine¹. Impossível comentá-lo sem paixão. Para uns é um herói, um romântico e para outros “um agitador”, um aventureiro. Não importa. O importante é que sua influência foi notável nos destinos da América.

Todavia, não podemos classificá-lo como um grande pensador político semelhante a Locke ou a um Rousseau. Não. Sua maior preocupação, aliás, em toda a sua vida, foi a justiça, que, para ele, levaria à liberdade intelectual. A idéia de justiça foi sempre a base de seus princípios éticos e a paixão principal de sua vida. Batia-se por todas as causas que pudessem colocá-la em risco e odiava a intolerância, a superstição e o fanatismo.

Acreditava nos valores humanísticos, na felicidade e na capacidade do homem resolver seus problemas, pela esperança de uma sociedade melhor e pelo amor ao semelhante. Sua ética, como em geral de seus contemporâneos, é uma ética social. Seu liberalismo é tão acentuado “que mostrou-se uma bandeira de luta, chegou às ruas, propôs um impertinente desafio à ordem constituída”².

Mas, quem foi este baluarte da liberdade e da justiça ?

Thomas Paine nasceu em 29 de janeiro de 1737, em Thetford, aldeia do condado de Norfolk, na Inglaterra, de pai quacre e mãe anglicana. Sua família era pobre³ e aos 13 anos de idade teve de aprender o ofício do pai: a confecção de coletes. Mas, aos 24 anos, tornou-se funcionário público e logo foi trabalhar na repressão ao contrabando.

Nesta ocasião redigiu um memorando relatando a situação de penúria dele e de seus colegas ao Parlamento inglês. Parte para Londres e percorre as antecâmaras dos parlamentares influentes visando a obter o seu apoio. Por ter abandonado seu posto sem licença, como foi alegado, ou por ter fornecido ao governo um pretexto para livrar-se de alguém que o incomodava, o fato é que Paine foi despedido. A par de tudo isto, estava tendo problemas domésticos, pois a morte de sua primeira mulher e a infelicidade de seu segundo casamento foram motivos para abalá-lo muito.⁴

Conhecendo Benjamim Franklin nos meios científicos de Londres, em 1774, imediatamente este o convidou a viajar para a América a fim de conhecer ali pessoas altamente influentes.

Paine deixou a Inglaterra e foi conhecer o Novo Mundo, aliás, um dos seus sonhos mais antigos. Chegando a Filadélfia, deu aulas para poder sobreviver; depois um tipógrafo-livreiro que havia pouco iniciara a publicação de uma revista deu-lhe o cargo de diretor. Durante dezoito meses dirigiu o *Pensylvania Magazine* e graças aos seus excelentes artigos, o número de assinantes passou de 600 para 1500. Nesses artigos, Paine exigia a emancipação dos escravos, pedia justiça para a mulher e melhor tratamento para os animais. Paralelamente, interessou-se pela crescente tensão entre a Inglaterra e as Treze Colônias, colocando-se abertamente a favor da causa americana, embora tivesse esperança de uma reconciliação.

Republicano por reação ao despotismo da monarquia, procurou extinguir no coração de seus companheiros de idéias os últimos vestígios de sentimento monárquico e o conseguiu. Quando os Estados Unidos defrontaram com o problema da forma de governo a adotar, as idéias republicanas prevaleceram sem muita dificuldade.

Foi com esse objetivo que Paine se pôs a escrever **Common Sense** ("Senso Comum") um violento libelo ao "regime monárquico e à constituição inglesa e um não menos ardente apelo em prol da independência"⁵. Mais adiante destacaremos alguns aspectos deste documento histórico.

Empolgado com a Declaração da Independência, Paine deixa o jornalismo e alista-se no exército americano como ajudante de ordens do general Nathanael Greene. Foi no acampamento, à luz da fogueira, depois da queda do forte Lee, que escreveu uma série de 13 artigos intitulados **A Crise**, para encorajar as tropas americanas.

Mais tarde foi eleito secretário da Comissão de Relações Exteriores. Por sua posição antiescravagista, provocou a hostilidade dissimulada de alguns representantes do Sul. Permaneceu, no entanto, por um período de dois anos no cargo. Divergências quanto a uma ajuda da França e a publicidade de documentos secretos da Comissão levaram-no a pedir demissão⁶.

Pelos seus serviços públicos prestados em favor da independência, em 1785, o Congresso Americano recompensou-o votando para ele uma gratificação de 3000 dólares e uma propriedade em New Rochelle.

Em 1787, decide rever a Inglaterra. Leva consigo o modelo de uma ponte de ferro de concepção audaciosa para à época. Em Londres trabalhou para tornar a América conhecida dos ingleses, mas o seu objetivo principal era provocar uma reforma da Constituição Britânica e instaurar o sistema do voto popular. Para isto publicou o livro **Prospects on the Rubicon** ("Pontos de vista sobre o Rubicão").

Acalentando o sonho de uma "República Mundial" expôs suas idéias em **Rights of Man** ("Direitos do Homem"), segundo os especialistas, sua obra mais importante. Publicando a primeira parte, em 1791, fez a defesa da Revolução Francesa contra os ataques do publicista inglês Edmund Burke em suas "Reflexões sobre a Revolução na França". A segunda parte de **Rights of Man** saiu em 1792, foi considerada sediciosa, e Paine começou a ser perseguido na Inglaterra. Tanto é verdade que recebeu uma sentença de proscricção por parte do governo de George III e por isso foi obrigado a refugiar-se na França onde chegou a receber a cidadania francesa. Foi eleito para a Convenção. Deve-se destacar, contudo, que foi o único membro da Convenção a votar contra a morte de Luís XVI, o que lhe valeu atrair o ódio de Robespierre. Acabou sendo expulso da Convenção e preso a 28 de dezembro de 1793. Permaneceu durante dezoito meses na prisão, período no qual redigiu a primeira parte de **Age of Reason** ("Idade da Razão") obra discutida em que afirma plenamente seu teísmo e onde questiona as crenças religiosas à luz da razão.

Escapando por verdadeiro milagre de morrer na guilhotina, foi libertado por James Monroe, ministro dos Estados Unidos na França. A Convenção restituiu-lhe a cidadania francesa e o mandato de deputado.

Apesar de doente, Paine voltou a escrever e pouco depois publicou a segunda parte de **Age of Reason**, fruto de suas meditações na prisão, onde faz uma crítica da Bíblia.

Profundamente desgastado, envelhecido, decepcionado e sem esperança, retorna à América, em fins de 1802. Mesmo nos Estados Unidos, a publicação deste último livro valeu-lhe novas perseguições.

Passando os últimos anos de vida na fazenda de New Rochelle, Estado de Nova York, veio a falecer a 8 de junho de 1809. A pedido do governo inglês, seus restos mortais foram trasladados para a Inglaterra em 1819. e, depois de várias aventuras, acabaram por se perder.

As idéias de Paine

Passemos agora a respigar algumas idéias contidas no seu mais importante panfleto: o **Senso Comum**. Este documento foi publicado em

Filadélfia, em 10 de janeiro de 1776 de uma forma anônima e quase imediatamente republicado noutras partes do país⁷. Esta obra alcançou grande penetração com 25 edições lidas por centenas de milhares de pessoas não só na América como na Europa⁸.

O seu estilo é claro, seco, escreve sem artifícios de linguagem, dirigido ao homem comum, nada apresentando de originalidade. Compulsando o texto percebemos um tom colérico, áspero, escrito por um homem enfurecido, não alguém que tivesse dúvidas racionais acerca da Constituição Britânica e de sua aplicação na administração colonial, mas alguém que detestava uma e outra e queria derrubá-las com uma reação selvagem. "Pensei de prestar um bom serviço, e seguir exatamente o que me ditava o coração. Não li livros nem estudei opiniões de outros. Pensei sozinho"⁹.

Ao estudar o panfleto muitos autores afirmam "que este libelo foi para a Revolução Americana o que a Cabana do Pai Tomás foi para a guerra civil"¹⁰. Ao escrevê-lo, Paine tinha o propósito de forçar alguns leitores hesitantes e mais ou menos conservadores, que ainda não tinham opinião formada, a refletir sobre a independência americana como o único remédio para os males americanos¹¹.

Na primeira parte do panfleto, aparentemente um ensaio sobre princípios de direito público em geral e a Constituição Inglesa em particular, as idéias são relativamente abstratas, mas as imagens são concretas. Diz Paine: "A Inglaterra, desde a conquista, conheceu alguns bons monarcas, mas gemeu sob um número muito maior de maus (...) se garantisse uma estirpe de homens bons e sensatos, traria o selo da autoridade divina, mas, abrindo as portas aos insensatos, ao mau, ao impróprio, tem em si a natureza da opressão"¹². Mais adiante assevera: "Não é preciso mencionar que a Coroa constitui a parte dominante da constituição inglesa, e é evidente por si que deriva toda a sua importância do fato de ser a doadora de cargos e pensões; logo, não obstante havermos sido suficientemente sensatos para fechar a porta à monarquia absoluta, ao mesmo tempo fomos tão insensatos que demos à Coroa a posse da chave"¹³.

Na segunda parte combate não só a Inglaterra, sua opressão sobre as colônias, como também os partidários da reconciliação. Comenta: "A Mãe-pátria da América não é a Inglaterra, é a Europa. Este Novo Mundo tem sido abrigo dos perseguidos defensores da liberdade civil e religiosa de todas as partes da Europa. Para cá acorreram, não vindo do terno abraço materno, senão da crueldade do monstro; e no tocante à Inglaterra é ainda verdade que a mesma tirania que expulsou os primeiros emigrantes do próprio lar lhes persegue ainda os descendentes"¹⁴.

É na terceira parte do panfleto, que a linguagem de Paine se torna mais positiva e vibrante. Há passagens proféticas ao acreditar nas

possibilidades econômicas da América, como essa: “A construção naval é o maior orgulho da América e nessa arte não tardaremos em sobrepujar o mundo inteiro”¹⁵.

Os argumentos desenvolvidos nessa parte, provando a necessidade da independência americana e a capacidade das colônias para conseguí-la, são extremamente elaboradas. “Enquanto nos professarmos súditos da Bretanha seremos, aos olhos das nações estrangeiras, considerados rebeldes”¹⁶.

Durante as semanas em que o **Senso Comum** estava sendo escrito, o futuro, mesmo o mais imediato, era totalmente imprevisível. Ninguém podia afirmar com certeza que atitude a História mostraria mais tarde ter sido a melhor a ser seguida.

Ninguém podia saber quem mais tarde seria considerado herói, ou covarde ou vilão. Ninguém podia saber quem seriam vencedores e vencidos. Mas Paine estava convicto de saber as respostas de todas essas perguntas. E o impacto imediato do **Senso Comum** adveio em grande parte do fato de declarar vibrantemente, sem hesitação, que toda a razão estava do lado da independência, e todo o erro do lado da lealdade à Grã-Bretanha. Pregava a união e concórdia para vencer o inimigo. Dizia: “A independência é o único laço capaz de nos unir e de nos manter unidos”¹⁷.

Para ele, com a liberdade total, os direitos naturais seriam afirmados e um novo governo seria construído baseado na vontade popular. Batendo na tecla do governo republicano, arrastou os indecisos e vacilantes para a causa americana.

O **Senso Comum** pela sua tônica política só é comparado aos escritos de Jonathan Swift. No fim de sua vida, Paine renunciara a todos os direitos sobre o panfleto, cuja tiragem chegara perto de um milhão de exemplares.

Apesar de amargurado e desiludido, este romântico inglês, acreditava no espírito humano. Seus escritos iluminaram uma época e foi um apóstolo da liberdade em todos os sentidos e por que não dizer o representante do homem comum, da Inglaterra, França e América. Costumava dizer: “minha pátria é o mundo”.

Notas Bibliográficas

(1) Adams, Randolph G. **Political Ideas of the American Revolution**. New York, Barnes & Noble Inc, 3. ed., 1958, p. 129.

(2) Souza, Maria Tereza R. “Por que ler Thomas Paine, hoje”. In: Cultura, supl. de O Estado de S. Paulo, nº 143, 6-3-1983, p. 10.

(3) William Hogarth, célebre pintor inglês da época, retratou a miséria da classe baixa de Londres e das províncias.

(4) Thomas Paine. In: Encyclopaedia Britannica, vol. 17, 1964, p. 32.

- (5) Souza, Maria Tereza R. Op. cit., p. 10.
- (6) Thomas Paine, op. cit., p. 32.
- (7) Paine reviu o texto, pouco depois da sua primeira publicação e no mesmo ano apresentou uma versão corrigida e ampliada, na qualidade de "Nova Edição". Esta ficou sendo a versão definitiva do autor.
- (8) "O Ministério dos Negócios Estrangeiros, da França, dirigiu secretamente a partir de 1776, um jornal chamado *Les Affaires de l'Angleterre et de l'Amerique*, que atacou os ingleses indo ao ponto de louvar os princípios da Declaração de Independência e de publicar extratos do "Senso Comum" de Thomas Paine". Conf. Mousnier, Roland e Labrousse, Ernst, "O Século XVIII". In: *História Geral das Civilizações*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1957, tomo V, vol. 12, p. 165.
- (9) Paine, Thomas. *Senso Comum e outros Escritos Políticos*, Tradução de A. Della Nina, São Paulo, Edit. Ibrasa, 1964, p. 16.
- (10) Morison, Samuel Eliot, Commager, Henry Steele. *História dos Estados Unidos da América*. São Paulo, Edit. Melhoramentos, tomo 1, s/d, p. 192.
- (11) Nevins, Allan, Commager, Henry Steele. *The Pocket History of the United States*. New York, Pocket Books, 1956, p. 93.
- (12) Paine, Thomas. *Senso Comum* . op. cit. p. 15
- (13) Idem, p. 9.
- (14) Idem, p. 19.
- (15) Idem, p. 34.
- (16) Idem, p. 40.
- (17) Idem, p. 47.